



D RECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



UM SONHO

FOR
MARIA AMELIA RODRIGUES

Desenhos de CASTANÉ



E RA uma vez um menino lindo, lindo como os amores. E, como era lindo, gostava de vê-se ao espelho, de vestir bem e de brincar.

Falavam-lhe em estudo e torcia o nariz; diziam-lhe para ir ao colégio e ficava triste.

Mas o menino cresceu, como é natural. Era já um rapazinho e mal sabia ler.

Os Pais, muito desgostosos, internaram-no em um colégio para vê-lo, animado pelo exem-

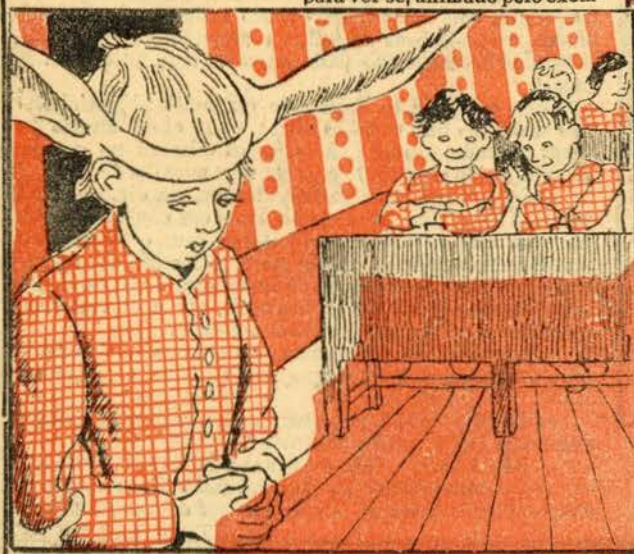


plo dos outros, conseguia ser alguém, mas... pobres Pais! De nada lhes valeu a saudade que sentiram, o sacrifício de terem o seu Antoninho longe de si... O menino continuava — a pesar-de tudo — a ser um distraído incorrigível. E voltou para casa.

Em casa arranjou umas amiguinhas com quem conversava algumas tardes.

Uma vez falaram de estudo e as amigas do António souberam que ele era mandrião e disseram-lhe que isso era muito feio.

António sorriu docemente e não acreditou. Pois que lhe faltava ?!



(Continua na pag. 3)

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

POR LEONEL DE CARVALHO

DESENHOS DE ADOLFO CASTANÉ

PARA A MINHA PEQUENITA SELITA

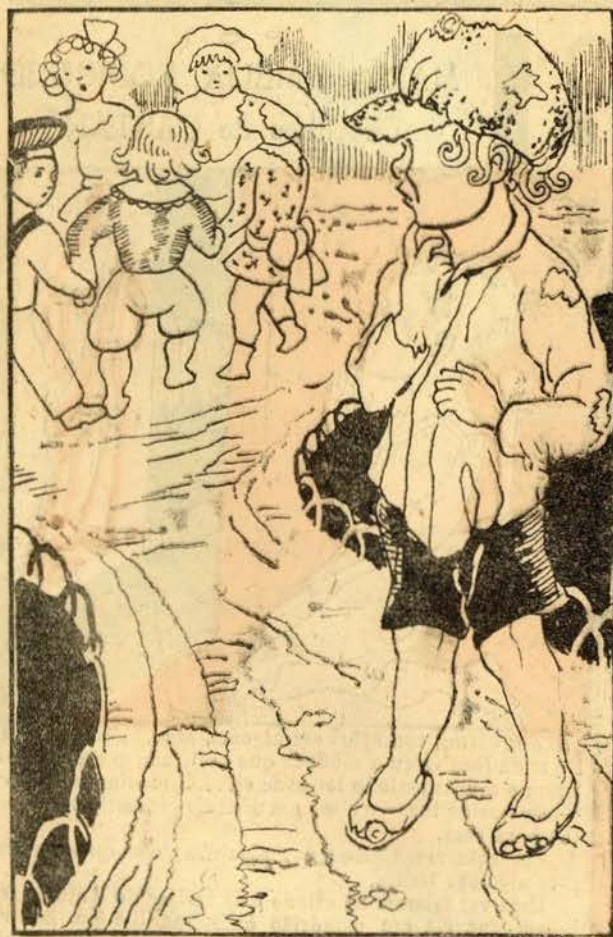


RA uma vez...

Numa noite tempestuosa e muito fria, para os confins do Norte de Portugal, sentados em pequenos bancos à lareira, caindo pelas ruas e pelos campos flócos enormes de neve muito branquinha, encontrava-se o velho João Raimundo na companhia de seus filhos e netinhos.

Já um pouco alquebrado, o velho Raimundo lá ia vivendo ao lado dos seus filhos, uma sãdia e esbelta rapariga dos seus vinte e cinco anos e seu marido um rapazão que, no dizer do povo da aldeia, vendia saúde.

O enlevo do pobre velho eram duas netinhas, que, todas as noites, ouviam, contadas por ele, histórias maravilhosas dos seus tempos de rapaz.



(Conte, conte avôsinho essa história que nos promoveu ontem ao serão, do menino pobrezinho, desprezado pelos outros...)

..... Era uma vez, (repetia o velho Raimundo, fitando os seus pequenos olhos penetrantes nas suas duas netinhas) um menino muito pobrezinho que se chamava Raimundo e vivia com seus pobres pais numa espécie de cabana dum pequeno Monte nos arredores duma pequena aldeia, onde tinham alguns rebanhos de ovelhas, das quais viviam, vendendo a lã que elas produziam, bem como queijinhos fabricados à moda daquela região.

O pequenino todos os dias, calçando uns sapatinhos já muito velhinhos, lá ia, muitas das vezes caindo frio e neve de sacola na mão, dar a lição na escola da aldeia.

Nesta escola havia poucos meninos tão pobres como o Raimundo, pois todos viviam, pouco mais ou menos, remediados, vestindo bons agasalhos e comendo boas merendas, à hora do descanso, no pátio grande, junto ao quintal da escola.

Como o pequenito Raimundo era muito pobrezinho, e não vestia tão bem como os outros, e não comia muitas das vezes merenda, os seus condiscipulos olhavam-no com indiferença, não repartindo com ele uma migalha de pão.

Assim iam passando os dias, até que, um dia, estando o pequeno Raimundo tiritando de frio a um canto do grande pátio da escola, vendo rir e saltar os seus companheiros, sem ter um bocadinho de pão para merendar, viu aproximar-se dele uma menina muito linda, com o cabelo muito lourinho aos anéis e uns olhitos azuis, que o fitavam como querendo dar-lhe algum conforto e alegria.

A pequenina de olhos azuis, mais parecendo um anjinho, acercando-se mais do pequeno Raimundo, perguntou-lhe:

— Então porque é que nunca brinca com os outros companheiros e está sempre tão triste?

— Não brinco, — diz o pequeno Raimundo por entre soluços e correndo-lhe as lágrimas pelas faces lividas de frio, — porque todos me desprezam por eu ser pobrezinho

Dizia o velho Raimundo que todas as suas histórias eram verdadeiras, e que algumas, faziam parte da sua própria vida.



e não andar tão bem vestido e calçado como eles. Não vê, como eu, a maior das vezes, nem tenho merenda como os meus companheiros?! Não sabe que os meus pais são muito pobres e que vivemos muito mal no Monte?!

A pequenita de olhos azuis, e que se chamava Margarida, tirando dum cestinho que tinha no braço e onde tinha a sua merenda, um bôlo de pão de ló, e oferecendo-o ao pequeno Raimundo, disse-lhe:

— Não chores por ser tão pôbrezinho e não seres acarinhado pelos teus companheiros. A minha merenda chegará sempre para os dois, pois eu direi a minha mãezinha para a aumentar, e brinquemos, também, sempre os dois, se assim desejares.

Nos dias seguintes, os companheiros do pequeno Raimundo, vendo sempre junto dele a pequenita Margarida, linda menina da aldeia, filha de uns pequenos lavradores que viviam bem, começaram por não o desprezar tanto, e todos, ouvindo os conselhos da pequenita Margarida, foram-se dedicando um pouco ao pobre Raimundo.

Mais tarde, os dois amiguinhos, tendo feito cada um o seu exame, separaram-se: O pequeno ficou na aldeia, e a menina foi para um colégio terminar os seus estudos.

Depois... passados mais anos... novamente se encontraram na aldeia que lhes tinha servido de berço.

Voltaram a ser amigos, recordaram a sua infância... e depois...

— Conte, conte avôsinho essa história que é tão bonita!...

O velho Raimundo, fitando os seus pequenos olhos penetrantes, como querendo recordar uma grande verdade da sua vida, conclue:

..... depois.... a pequena Margarida, que já era uma mulher muito perfeita, casou com o pobre Raimundo, que, a-pesar-de pobre, era considerado o homem mais honrado da aldeia.

Mais tarde, tiveram duas filhinhas.... uma, Deus a levou... a outra... é...

— Então, avôzinho, porque está chorando e não nos conta a história que tanto nos está interessando?!

O velho, fitando desta vez sua filha, a mãe das suas netinhas, enxugando duas lágrimas que pelas faces lhe deslizavam, diz:

.... a outra, minhas lindas netinhas... a outra, é vossa mãe; o pequeno Raimundo sou eu, vosso avô, e a pequena Margarida... era a vossa avó, que Deus levou, há bastantes anos.

F I M

UM SONHO

(Continuação da página 1)

O José, que era estudioso, tinha tanto como ele.

Para que se havia de maçar?

E continuou na brincadeira de sempre. Mas um dia... ou antes, uma noite, o Tonito, depois de nova conversa com as amigas, foi deitar-se um bocadinho preocupado. Porquê?... Ora!...

Adormeceu e sonhou.

Sonhou que já era homem, um bonito homem, mas que isso não lhe bastava para ser feliz. Sim... não era feliz... Sentia um grande desgosto porque era ignorante... Não podia empregar-se a não ser em profissões muito baixas, das que não precisavam de estudos... As raparigas não gostavam dele, olhavam-no como se fôsse uma estátua... António via bem, na cara do Pai, a pena que lhe causavam estas coisas todas e a Mãe, a Mãezinha, chorava por sua causa, muitas vezes, muitas.

Arrependeu-se, então, de não ter feito caso dos conselhos que lhe davam... mas já era tarde.

Como poderia voltar aos seus treze anos, para recomeçar uma vida estudiosa, que lhe desse proveito e alegria aos seus?... Não podia... não podia... Se já era homem!...

Chegou-se a um espelho. Dos seus lindos olhos corriam lágrimas em fio.

— Mãe... Pai... perdõem...

De repente acordou. Apalpou a cara e sentiu-a molhada. Lembrou-se do sonho e, ajoelhando na cama, agradeceu a Nosso Senhor e à Mãe de Deus o milagre de lhe ter mostrado, a tempo, o mau caminho que estava seguindo.

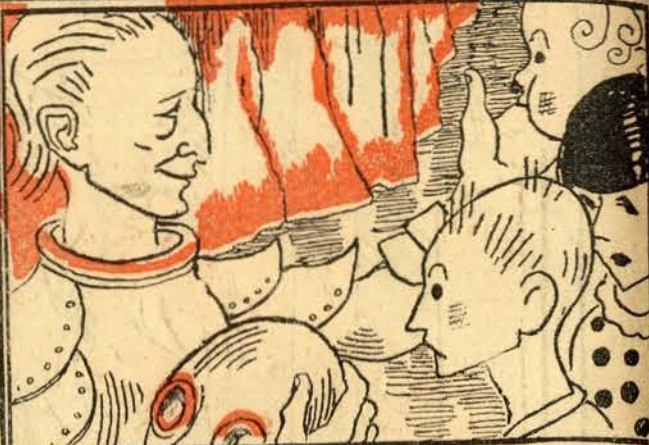
E, desde então, Antoninho foi o aluno mais estudioso da classe.

F I M

AVENTURAS DE PIM, PAM e PUM POR CASTAÑÉ (Continuado do numero anterior)



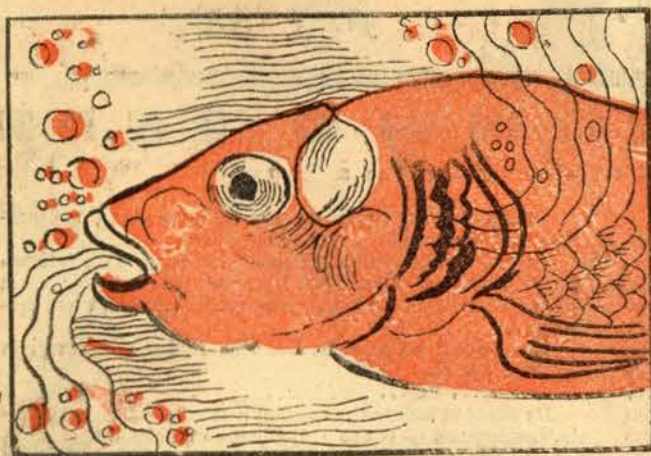
1 — A medida que a fantástica aparição saía da água, mais aterrorizava os nossos pobres pequenos. Era um verdadeiro monstro, como se pode ver.



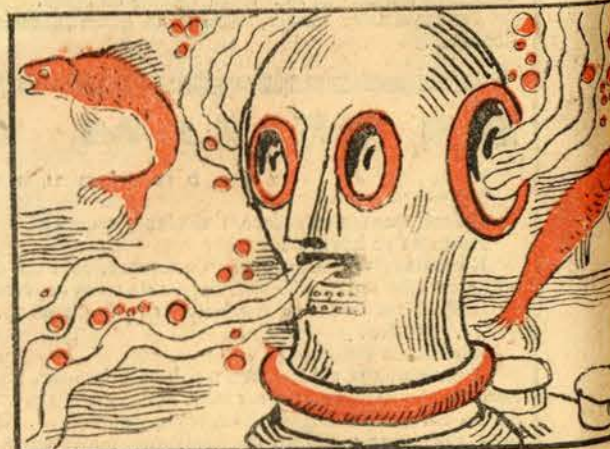
2 — Mas, nisto, ouviram uma voz que dizia: — Então gostaram do almoço? E aquela figura, desaparecendo a medonha cabeça que afinal era um capacete, mostrou-lhes a fisionomia do missionário.



3 — «Mas que grande surpresa! hein!» exclamava, dando aláveis palmadinhas nas bochechas de Pum. Depois, levando-os a um confortável gabinete, oculto na gruta, acrescentou:



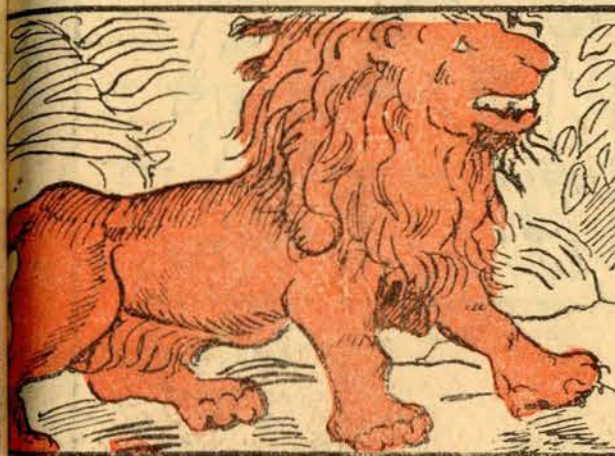
4 — fulgavam-me morto, não é?! Este traje, que acabo de despir, é um invento meu. Com ele posso andar debaixo de água como um peixe. Os peixes respiram, entrando-lhes...



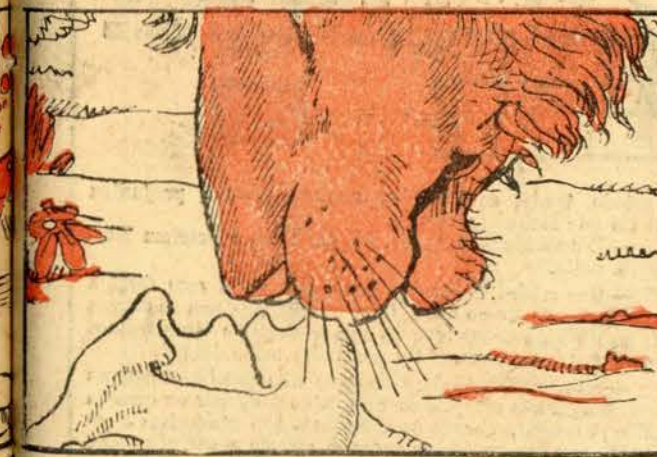
5 — a água pela boca e saindo pelas guelras. Assim faço eu. — Em seguida convidou Pim, Pam e Pum, a sentarem-se numa ampla poltrona, e acrescentou: Agora vão saber porque artes consegui salvar-me.



6 — Quando os selvagens me feriram, recuperei os sentidos, imediatamente. Entreabri os olhos e vi que corriam para mim, mas, de súbito, fugiram cheios de pavor.



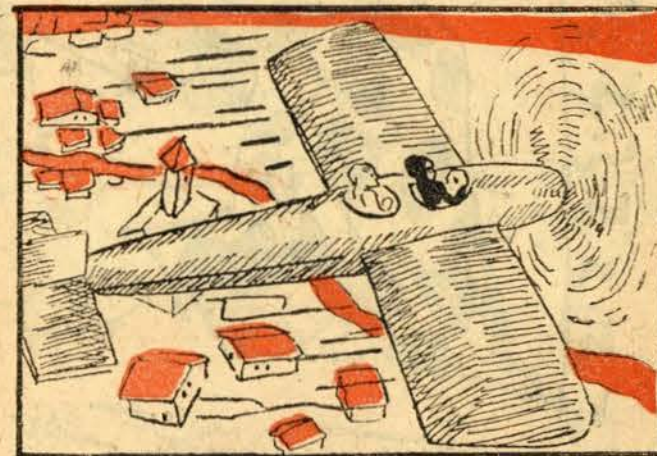
7 — Ouvi um rugido e apareceu um enorme leão que, desta vez, era autêntico. O leão dirigiu-se para mim e eu fingi-me morto. Cheirando-me, roçando-me os bigodes pela cara, julgou-me morto e afastou-se.



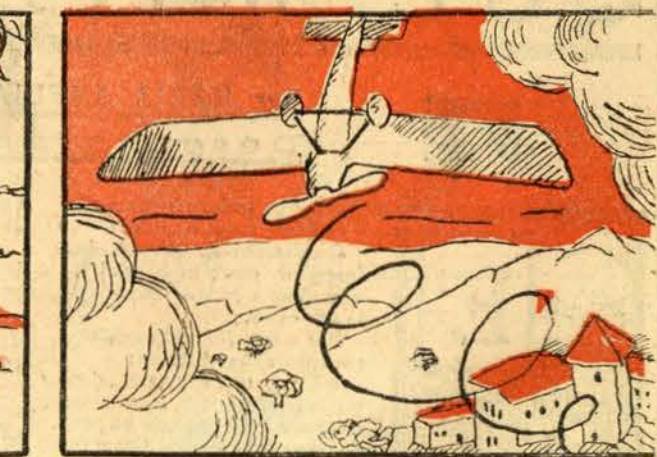
8 — Felizmente a ferida da flecha não tinha importância, graças à pele de leão que eu levava em cima. Estava pensando no meu destino, quando ouvi o motor dum aeroplano.



9 — Estava salvo. Levantei-me e comecei a gesticular, a fazer sinais. Daí a momentos, eu estava dentro do aparelho e voávamos, a caminho da Espanha...



10 — Mas, não era ainda desta que eu me via livre dos sustos. No momento em que voávamos sobre as primeiras povoações espanholas, o motor parou e o aeroplano despeñou-se connosco.



Desta vez é que parecia não haver salvação possível. Foi um momento atrás. Descreviamos uma espiral trágica. Encomendei a alma a Deus e...

(Continua)

GARGALHADAS



QUE METEM MEDO

Por MARIA AMELIA RODRIGUES

Desenho de LUAH



esquisito o título desta história, não é verdade, meus meninos?

Geralmente as gargalhadas fazem rir, como os bocejos fazem abrir a boca a toda a gente que os vê...

Mas o que lhes vou contar é um caso extraordinário:

A Lena, que é uma menina muito minha amiga, tem um tio chamado João que veio há pouco tempo de África. Ora o tio João, quando tem paciência, leva-a a passear, brinca muito

com ela e conta-lhe muitas coisas que se passavam em Tê-te, que foi a terra onde ele esteve muitos anos.

Um dia levou-a ao Jardim Zoológico e a Lena, parando ao pé de uma jaula onde estava um bicharoco de pêlo acin-

zentado, tendo, aqui e além, manchas escuras, perguntou ao tio que bicho era aquele.

— É uma hiena malhada. Lá, em Tê-te, apareciam muitas, à noite.

— Que medo! — disse a Lena, agarrando com força a mão do tio. — Como ela é feia! Parece que tem as pernas da frente mais compridas do que as detrás e tem os olhos como os dos chineses. O tio não tinha medo delas?

— Não, minha linda; as hienas não assaltam pessoas crescidas, a não ser quando elas estão a dormir ou quando estão já mortas, porque estes animais são traiçoeiros e covardes. Gostam de comer carne, é mesmo o seu alimento, mas, para isso, atacam ovelhas, cães, leitões, e, às vezes, crianças.

— Ah!

— Há quem tenha domesticado as hienas, isto é; quem tenha vivido com uma hiena em casa, como se vive com um

cão e essas pessoas dizem que é meiga, mas a hiena mais domesticável é a raída.

— Eu é que não queria ter um bicho daqueles em casa! Tinha sempre medo que ele se lembrasse, um dia, que era hiena e que me comesse e ao meu rico Piloto.

— Agora por isso queres ouvir um caso que se deu comigo, com umas hienas e com um cão de um vizinho meu?

— Quero, sim, tio. Conte lá.

— Os pretos contam das hienas coisas extraordinárias. Dizem que, depois do batuque, — festa em que dançam ao rufar de um instrumento parecido com um tambor — e quando recolhem às palhotas, as hienas vêm, em seguida, tocar e dançar também, dizem que elas se apoiam nas patas traseiras para conseguirem espreitar para dentro das casas pelo buraco da fechadura, dizem que choram como as crianças...

Eu nunca ouvi elas tocarem, não as vi dançar, não as vi, também, cometer a feia acção de espreitar pelo buraco da fechadura, não confundi o seu uivo com o choro de uma criança, mas aconteceu-me outra coisa mais curiosa.

— O que foi, o que foi, tio João?

Era uma noite linda, uma noite clara, de luar tão branco, tão branco, que parecia dia. Aqui não há noites assim

por motivos que mais tardes saberás. Pois eu tinha vindo de casa de um amigo que estava muito arrebolado por lhe ter desaparecido um lindo cão Lulú da Pomerânia. Eu estava também apouquentado, tanto mais que se tinham feito buscas inúteis e o cão era, na realidade, um lindo animal. Quando já ia meter-me na cama, senti ganir. — É o Niassa!

Levantei-me e, de um alto, abri a janela. Não ouvi mais nada. Simplesmente uns três vultos silenciosos, três hienas estavam debaixo de uma árvore que havia perto de casa. De repente, novo ganido. Peguei numa caixa de fósforos vazia. Atirei. Os vultos afastaram-se e eu ouvi, perfeitamente, três gargalhadas curtas que me puzeram os cabelos em pé. As hienas tinham rido! Se me contassem não acreditaria. Saí de casa. No chão, debaixo da macieira, estava só a linda cauda emplumada do Niassa, cheia de sangue.

— Coitadinho do tio e do cão também. Não volte mais para Tété, não?

E aqui está, meus amores, como há gargalhadas capazes de fazer arrepiar os cabelos.



PROVERBIOS POR INICIAIS

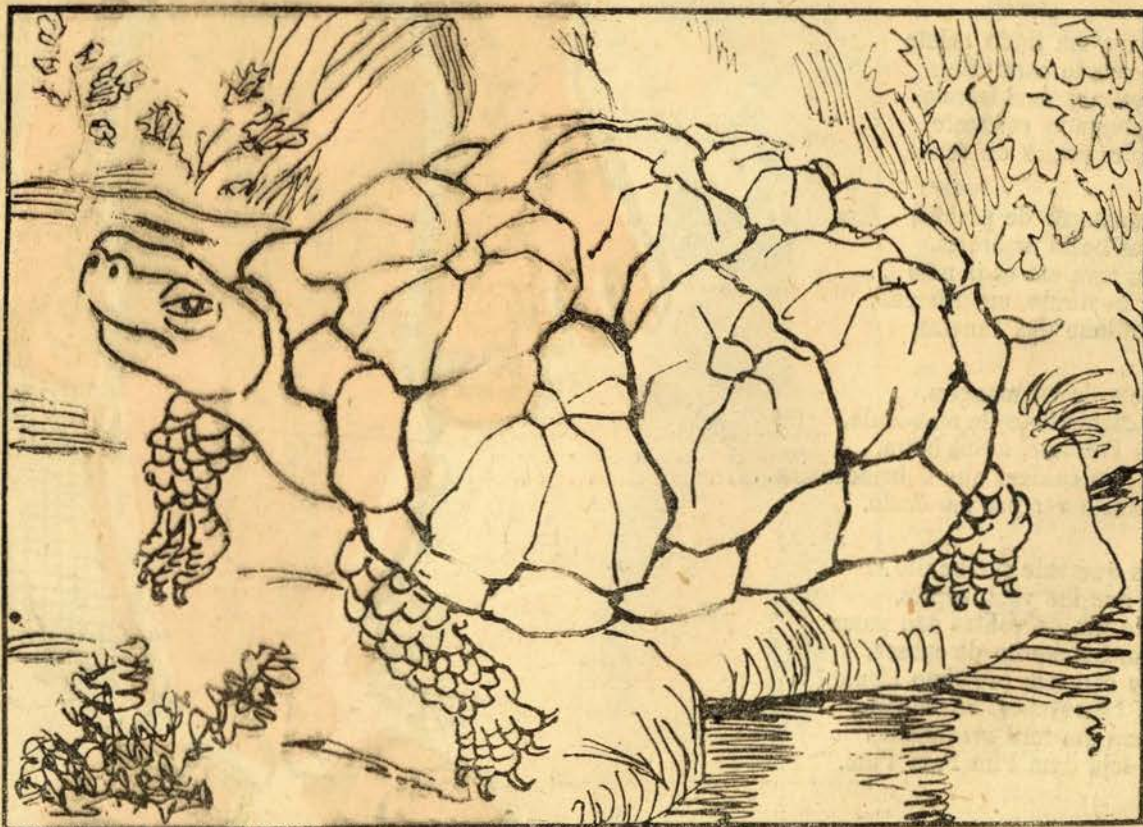
1.º Problema—M. F. D. N. P. (2-2-1-2-2)

2.º Problema—D. D. A. N. A. Q. N. T. D. (1-2-1-2-1-1-1-2)

3.º Problema—Q. T. Q. S. N. S. L. D. (1-2-2-2-1-1-1)

4.º Problema—E. B. P. T. O. N. E. V. (4-1-3-2-1-2-1-3)

PARA OS MENINOS COLORIREM



A HISTORIA TRISTE DUM BONECO



P O R D E N

Desenho de CASTANÉ



Era uma vez um boneco,
Um janota, um papo sêco,
Que trajava do melhor...
E eu, por mim, sempre que o via,
Fazendo uma cortezia,
Com profunda reverência,
Murmurava: — V. Ex.^a
Passou bem, Senhor Doutor?

Trajava um lindo colete
Em veludo carmezim,
Gravatinha azul ferrete,
Emplumado capacete,
Calções pretos de setim,

Polainas côr de pinhão,
Umas botas amarelas,
Uma luva em cada mão...
Um bonifrate, um pimpão,
Tiradinho das canelas,

Janota de tal maneira,
De cachimbo e de monóculo,
Que Petrólio, à sua beira,
— (Não cuidem que é brincadeira...) —
Ficava a vêr por um óculo,

Mas que vale ser bonito?
Do que lhe vale, repito,
Se ao fim de contas não passa
Dum bonequito de massa,
Que não tem préstimo algum?!...
Fui encontrá-lo, há bocado,
Como um lord arruinado
Na loja dum Pim Pam Pum.

F I M

